



## DA VERGONHA À REVOLUÇÃO: VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA EM *NIKETCHE*

*FROM SHAME TO REVOLUTION: VIOLENCE AND RESISTANCE IN  
NIKETCHE*

*DE LA VERGÜENZA A LA REVOLUCIÓN: VIOLENCIA E RESISTENCIA  
EN NIKETCHE*

Raquel Hilário Pedro<sup>\*1</sup>

### RESUMO:

*Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, é uma das mais emblemáticas obras das literaturas africanas de língua portuguesa. Este artigo pretende dar conta da representação de manifestações dessa violência de gênero no livro, que são: a imposição social da maternidade; a interiorização da rivalidade feminina; a culpabilização da mulher pela sua condição e a perpetuação do sentimento de vergonha. Depois, aborda-se como as personagens construídas por Chiziane são mulheres com atitudes feministas que trilham um caminho de desconstrução da vergonha e construção da resistência e da revolução. É utilizada a metodologia da literatura comparada, com técnicas como o *close reading*, colocando *Niketche* em diálogo com outras obras, nomeadamente *Para educar crianças feministas: um manifesto* e *Sejamos todos feministas*, de Chimamanda Adichie. Utilizam-se ferramentas da teoria pós-colonial e feminista para, assim, analisar *Niketche* e, simultaneamente, apresentar o caminho das personagens rumo à emancipação.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Niketche*, literatura comparada, feminismo, pós-colonialismo.

---

1 Universidade de Lisboa. E-mail: [raquelmthpedro@gmail.com](mailto:raquelmthpedro@gmail.com)



**ABSTRACT:**

*Niketche: Uma história de poligamia, written by Paulina Chiziane is one of the most emblematic books of Portuguese-Language African Literature. This article intends to describe how the different manifestations of gender-based violence are represented. Being: the social imposition of motherhood; the internalization of female rivalry; blaming the woman for her condition and shame feeling perpetuation. It approaches how the character's built by the author are women with feminist attitudes. They walk a path deconstructing shame, and constructing resistance and revolution. The comparative literature methodology is used, with techniques such as close reading and confronting Niketche with other works, namely Dear Ijeawe, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions and We should all be Feminists by Chimamanda Adichie. Tools of postcolonial and feminist theory are used to analyze Niketche and, simultaneously, present the character's path towards emancipation.*

**KEYWORDS:** *Niketche*, comparative literature, feminism, post-colonialism.

**RESUMEN:**

*Niketche: Uma historia de poligamia de Paulina Chiziane es una de las obras más emblemáticas de la literatura africana de expresión portuguesa. Este artículo pretende dar cuenta de la representación de manifestaciones de violencia de género en el libro, que son: la imposición social de la maternidad; la internalización de la rivalidad femenina; culpar a la mujer por su condición y perpetuar el sentimiento de vergüenza. Luego, aborda cómo los personajes contruidos por Chiziane son mujeres con actitudes feministas que recorren un camino de deconstrucción de la vergüenza y construcción de resistencia y revolución. Se utiliza la metodología de la literatura comparada, con técnicas como la lectura atenta. Niketche se pone en diálogo con otras obras: Querida Ijeawe. Cómo educar en el feminismo y Todos deberíamos ser feministas de Chimamanda Adichie. Se utilizan herramientas de la teoría poscolonial y feminista para analizar a Niketche y, simultáneamente, presentar el camino de los personajes hacia la emancipación.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Niketche*, literatura comparada, feminismo, poscolonialismo.

*Niketche: uma história da poligamia, de Paulina Chiziane, é uma das mais emblemáticas obras da literatura africana de expressão portuguesa, refletindo não só um elevado sentido estético como também uma sensibilidade política e social apurada enquanto características da autora. As sociedades patriarcais variam de mecanismos consoante o lugar do mundo em que cada um se encontra, mas são semelhantes em um aspecto: exercer violência de gênero. A maternidade tem sido imposta às mulheres como a experiência por excelência do feminino. Atualmente, o mundo tem privilegiado organizar-se em estados-nação, através da propriedade privada e da família, mesmo que, historicamente, nem sempre tenha sido assim (ENGELS, 1984, p. 5-19). As vivências de cada um de nós variam tanto quanto o país, a cultura, o gênero, a classe e a raça com que nascemos. Este*

artigo pretende dar conta das representações literárias da violência de gênero na obra *Niketche: uma história da poligamia*, da escritora Moçambicana Paulina Chiziane (1955). Nela, a contadora de histórias aborda uma série de questões que violentam a condição de quem nasce mulher na sociedade Moçambicana. No fundo, uma violência que também está presente nas sociedades ocidentais e, portanto, nunca se poderá incorrer no erro de acreditar que os homens brancos estão a salvar as mulheres negras dos homens negros (SPIVAK, 1988, p. 3). O alerta que Spivak nos faz, na sua obra *Pode o subalterno falar?* segue uma lógica aplicável a vários contextos. Neste caso, a obra literária *Niketche* trata principalmente a realidade da mulher moçambicana no seio de uma família polígama. À primeira vista, um acadêmico ou leitor ocidental pode apressar-se em julgar estas práticas e apoiar intervenções vindas dos países ditos “civilizados” nos países ditos “de terceiro mundo”. No entanto, nenhum homem Ocidental nem nenhum colonizador têm a capacidade de modificar uma realidade local de forma não-violenta, como também nos mostra a autora neste livro. Além disso, o patriarcado está presente em todo o mundo e as relações de poder que atuam entre homens e mulheres também operam no Ocidente, com homens no papel de dominadores.

As manifestações encontradas na história de Chiziane que refletem a violência de gênero são: a imposição social da maternidade; a interiorização da rivalidade feminina; a culpabilização da mulher pela sua condição (que na obra aparece quanto à situação de poligamia que as personagens vivem mas na vida real também tem acontecido em outros casos visivelmente misóginos: como quando se procura atribuir a culpa de uma violação à vítima, alegando, por exemplo, a roupa com que estava vestida como incentivo à violência do violador). Por fim, trata-se da representação da perpetuação do sentimento de vergonha em cada mulher. Apesar desta realidade política e social opressora aponto também como as personagens construídas por Chiziane são mulheres com atitudes feministas que trilham um caminho de desconstrução da situação em que vivem, da vergonha que sentem e travam uma luta pela construção coletiva de resistência e revolução. Assim, podemos falar de uma dupla representação: por um lado, demonstram-se as dificuldades, problemas e opressões vividas pelas mulheres moçambicanas. Por outro, representam-se forças, soluções e resistências trilhadas por essas mesmas mulheres-personagens.

Utilizo a metodologia da literatura comparada, que enquanto área é:

capaz de surgir como espaço reflexivo privilegiado para a tomada de consciência do carácter histórico, teórico e cultural do fenómeno literário, quer insistindo em aproximações caracterizadas por fenómenos transtemporais e supranacionais quer acentuando uma dimensão especificamente cultural (BUESCU, 2001, p. 14)

Os excertos do texto são analisados através da técnica do *close reading* e a obra é colocada em diálogo com outros textos, nomeadamente os livros *Para educar crianças feministas: um manifesto* e *Sejamos todos feministas*, de Chimamanda Adichie. Reconheço que o pensamento científico tradicional hegemônico é eurocêntrico e masculino (FEDERICI, 2004, p. 23-38),

que se mascara sob a farsa da “objetividade” e da “imparcialidade”, ignorando as estruturas de poder existentes (GROSFOGUEL, 2011, p. 341-355). Assim, sigo a linha da teoria pós-colonial e das suas críticas, começando por reconhecer o meu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017, p. 47-51): o de uma mulher (biológica e socialmente falando), branca (socialmente falando, já que biologicamente não existem fundamentos que dividam a espécie humana em raças), portuguesa, tendo vivido toda a minha vida neste país europeu. Apesar de contactar com movimentos sociais protagonizados por pessoas não-brancas, incluindo mulheres africanas ou afro-descendentes, não conheço de perto a realidade vivida pelas mulheres africanas, sobretudo as que vivem numa família polígama em Moçambique. Desta forma, procuro ter os cuidados necessários para não estabelecer a tão comum relação de poder entre o sujeito que produz conhecimento, o observador, e o sujeito estudado, o observado (SOUSA SANTOS, 2018, p. 157). Por isso, a maioria dos meus argumentos são fundamentados em autores que tenham a maior propriedade possível sobre os temas em questão. Sigo a teoria de Sousa Santos para a construção de novas perspectivas epistemológicas que desconstroem estereótipos e visibilizam a produção de conhecimento dos povos do Sul (SOUSA SANTOS, 2014, p. 38-39). Dito isto, o meu objetivo é dar a conhecer uma análise feminista e pós-colonial das representações da violência exercida contra a mulher africana no livro *Niketche* e, simultaneamente, apresentar o caminho das personagens rumo à emancipação. Reflito sobre a sobrevalorização da maternidade como elemento central da experiência feminina; sobre a rivalidade interiorizada nas mulheres que se reflete na forma envergonhada como lidam com a poligamia e, finalmente, no caminho que fazem para desconstruir a vergonha e construir resistência e revolução.

Um dos passos fundamentais para a compreensão da minha análise é reconhecermos que determinar o papel social de uma criança à nascença pelo facto de ela ser biologicamente homem ou mulher é, em si, violência. É violento quando crianças são impedidas de terem brincadeiras ou de utilizarem determinadas roupas porque não são vistas socialmente como brincadeiras ou roupas para o seu sexo. Também é violento assumir que se está perante uma criança transgénero por ela se expressar de formas socialmente associadas ao sexo oposto. Estas atitudes são comuns e refletem a sociedade binária em que se vive, bem como a sua necessidade de “encaixar” cada bebê numa das caixas correspondentes aos papéis sociais do seu sexo. Como mulher, posso afirmar que a necessidade de ser mãe me foi incutida desde criança e que de tudo se faz para que se abrace essa realidade como nossa. Basta fazer um pequeno exercício de memória e remontar à nossa infância para lembrar que as meninas brincam com bonecas e os rapazes com carros. As mulheres sempre foram associadas ao espaço doméstico e “treinadas” para serem mães enquanto os homens são incentivados a ocupar o espaço público (CONNELL, 2014, p. 13-14). Como Adichie reconhece no seu livro *Para educar crianças feministas*: “Os brinquedos para meninos geralmente são “ativos”, pedindo algum tipo de “ação” — trens, carrinhos —, e os brinquedos para meninas geralmente são “passivos”, sendo a imensa maioria bonecas.” (ADICHIE, 2017, p. 11). Fazem acreditar que as mulheres só serão

completas depois de se tornarem mães e, ao longo da vida, cada uma de nós sofre mais ou menos essa pressão, subordinando-se ou não às exigências sociais: “A tradição africana também valoriza a descendência e condena a esterilidade ou ter poucos filhos” (ARNALDO citando Caldwell, Orubuloye e Cladwell, 1992, p. 196).

*Niketche* é protagonizado por Rami, a primeira mulher e esposa de Tony, de quem tem vários filhos. Depois das ausências sucessivas do marido, descobre que Tony é polígamo e que tem mais quatro mulheres: Julieta, Luisa, Saly e Mauá. Com cada uma delas, Tony também tem inúmeros filhos sem que Rami soubesse. Ainda assim, permanece com ele. Pode-se perguntar o porquê de, mesmo perante estas situações, as mulheres se manterem ao lado dos homens, como o caso de Rami e das outras personagens mulheres, cuidando dos seus filhos e prestando-lhes “serviços” domésticos e sexuais.

A valorização da monogamia não acontece desde sempre, mas sim com o estabelecimento da propriedade privada, com a perda do direito materno para o direito paterno, que exige que os filhos herdeiros sejam legítimos:

Certo que a mulher grega da época heroica é mais respeitada que a do período civilizado; todavia, para o homem, não passa, afinal de contas, da mãe de seus filhos legítimos, seus herdeiros, aquela que governa a casa e vigia as escravas – escravas que ele pode transformar (e transforma) em concubinas, à sua vontade. A existência da escravidão junto à monogamia, a presença de jovens e belas cativas que pertencem, de corpo e alma, ao homem, é o que imprime desde a origem um caráter específico à monogamia – que é monogamia só para a mulher, e não para o homem. (ENGELS, 1984, p. 67).

O adultério quando parte da mulher é fortemente condenado, como tem sido historicamente nas mais variadas sociedades, culturas e civilizações. É necessário apontar que a realidade focalizada no romance de Chiziane refere-se especificamente ao contexto Moçambicano. Mesmo que possamos falar da quantidade de traições e relações extraconjugais que muitos homens continuam a praticar em países Ocidentais – ditos de tradição monogâmicas – como é Portugal. Adultério e poligamia não podem ser confundidos: “Poligamia é um sistema de construção de família, enquanto que adultério é crime de traição...Um polígamo pode cometer adultério. A poligamia pode ser legalizada, mas o adultério não.” (CHIZIANE, 2012, p. 355). Já ao abordar a evolução das famílias pré-históricas, Engel observou este assunto, no tópico sobre a família sindiásmica, afirmando:

Neste estágio, um homem vive com uma mulher, mas de maneira tal que a poligamia e a infidelidade ocasional continuam a ser um direito dos homens, embora a poligamia seja raramente observada, por causas econômicas; ao mesmo tempo, exige-se a mais rigorosa fidelidade das mulheres, enquanto dure a vida em comum, sendo o adultério destas cruelmente castigado. (ENGELS, 1984, p. 57)

Tradicionalmente, um marido polígamo sustenta as mulheres. Talvez seja a única coisa que o Tony tenha sido capaz de cumprir, já que podemos supor que teria um bom salário enquanto comandante da polícia. Ainda assim, a sua vida de polígamo não assumido teve os dias contados quando o sofrimento de Rami transbordou para a procura das suas rivais, como entendia inicialmente as outras mulheres do marido. Primeiro, foi até a casa da Julieta: “Olho bem para a minha rival. Na imagem desta mulher a morte do meu amor, a causa da minha dor” (CHIZIANE, 2002, p. 21). Depois, uma a uma, foi confrontando todas as outras mulheres de Tony, antes mesmo de falar com ele, uma atitude padronizada que muitas mulheres acabam por ter quando descobrem a existência de concubinas ou amantes. Vemos esta atitude repetir-se vezes sem conta, e é uma das semelhanças às representações ficcionais em Portugal. Normalmente, em livros e filmes ou séries portuguesas, as mulheres também confrontam primeiro a amante do marido do que ele próprio. A rivalidade feminina é um problema social identificado e explicado por Adichie em *Sejamos todos feministas*: “Criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais – não em questões de emprego ou realizações, o que, na minha opinião, poderia até ser bom – mas como rivais da atenção masculina.” (ADICHIE, 2012, p. 38).

Além de condenar cada uma das mulheres que lhe “roubou” o marido, Rami também se culpa a si própria. Culpa-se em frente ao espelho e é culpada pela sociedade. Destaco dois momentos onde está manifestada esta ideia no livro: o primeiro, quando Rami e Luísa são presas, na sequência de terem sido apanhadas “à pancada” na rua, o polícia que as ouve afirma: “Homem é homem, tem todo o direito de procurar em qualquer lugar o que em casa não há” (CHIZIANE, 2002, p. 52). Mais à frente, quando estão para ser libertas, o jovem polícia ainda diz:

É uma vergonha, duas esposas de uma pessoa tão importante baixarem de nível até este ponto. Se isto volta a acontecer, quem vai resolver este assunto será o meu comandante, o Senhor António Tomás, pessoalmente. E parem de manchar a imagem de um homem tão culto, tão ilustre e tão cheio de classe. Comportem-se à altura do digníssimo marido que conseguiram caçar, minhas senhoras. (CHIZIANE, 2002, p. 58).

O segundo momento acontece quando Tony pede o divórcio a Rami, por vingança, dizendo-lhe: “Quero colocar-te ao nível das outras mulheres. A tua conduta nos últimos tempos não é digna de uma esposa.” (CHIZIANE, 2002, p. 165). Rami sabe bem como “Divorciada é feiticeira, faz poções de amor para atrair cavalheiros ricos e roubar-lhes a massa. É assassina, mata as esposas dos amantes para tomar-lhes o posto. E ladra, rouba maridos, usa e abusa. É canibal, devora homens e amores alheios.” (CHIZIANE, 2002, p. 166). Uns dias depois o advogado do caso aparece-lhe em casa, “o seu marido acusa-a de danos morais, maus tratos e violência psicológica” e acrescenta:

Vendo bem, a senhora é a principal responsável por esta situação. Porque não cuidou dele devidamente. Não o realizou. Não o satisfez. Não o completou. Não o agradou suficientemente. A culpa é sua e deve responder por todos os seus crimes. Não soube segurar o marido e ainda por cima o ofende. (CHIZIANE, 2002, p. 169).

A narrativa que condena mulheres é uma instituição de poder e está generalizada em muitas sociedades. Se é utilizada uma linguagem que culpa mulheres, perpetua-se a violência de gênero, já que culpar uma vítima é violentá-la. Pode-se também encontrar na história representada a forma como Rami se sente enquanto mulher e o que afirma sobre tal condição:

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, porque é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? O pior de tudo é que Deus parece não ter mulheres nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa -- sua esposa -- intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial. (CHIZIANE, 2002, p. 68)

Ou depois: “O homem é quem casa, a mulher é casada. O homem dorme, a mulher é dormida. A mulher fica viúva, o homem só fica com menos uma esposa.” (CHIZIANE, 2002, p. 161). Aqui, Chiziane representa mais uma vez, de forma tão lírica, o lugar submisso em que a mulher é colocada na sociedade.

Contudo, *Niketche* também é uma obra sobre cinco mulheres a aprenderem que não são culpadas. Que nenhuma delas é culpada. Que a vergonha que sentem não é fundamentada porque o verdadeiro responsável pela situação em que vivem é Tony. Aprendem, a partir de pequenos passos, a deixar de ser rivais. Percebem que tudo o que estavam a sofrer é fruto de um dado modelo social que lhes impõe uma realidade e, ainda por cima, as faz sentir culpadas. Como é uma situação que se repete, um padrão social e político, diz-se que se está perante uma violência de gênero estrutural. O processo de desconstrução das personagens começa, de certa forma, com a empatia de Rami para com Julieta, quando ouve a sua história “que treme, em violentas convulsões ao ritmo do choro. Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me.” (CHIZIANE, 2002, p. 24). Uma empatia que se expande para as mulheres enquanto grupo social: “Tremo de piedade, de tristeza, de vergonha. Todas as mulheres são gémeas, solitárias, sem auroras nem primaveras” (CHIZIANE, 2002, p. 26). Tudo isto implica reconhecer uma maior proximidade com “as outras mulheres” do que com o próprio marido. Implica aprender que as frases “és diferente” ou “és especial” não são elogios, como querem fazer querer às mulheres, porque dizer que cada uma, individualmente,

é melhor do que as outras, não é um elogio. É fazê-la querer que afastar-se da sua condição material enquanto mulher é bom. São elogios que indicam implicitamente como “ser mulher” e “ser uma mulher normal” ou “uma mulher não especial e não diferente” é ruim. Assim, mesmo depois de ter sido “escolhida para casar”, Rami reconhece que:

Superior, eu? Nunca me senti superior a ninguém por usar este arco de arame dourado no meu anelar. Estou do lado das mulheres que lutam, que vencem, mulheres que perdem, que vacilam, que tombam. Sou mais uma que abraça o ar no beijo das nuvens e lança um riso mais doce que o arrulhar dos pombos, na saudação do sol de cada dia. Sou mulher como as demais. (CHIZIANE, 2002, p. 166)

O primeiro grande passo que tomam para fazer frente à sua situação de poligamia é aparecerem as cinco, em público, no aniversário de Tony. Assim obrigaram-no “a reconhecer publicamente o que fazia secretamente” (CHIZIANE, 2002, p. 110). Depois passam a ter reuniões e a estabelecer limites: “ao assumir uma família polígama, as mulheres conseguiam exigir de Tony que assumisse responsabilidades” (CHIZIANE, 2002, p. 174). Algo que antes não acontecia. Por exemplo, os filhos mais velhos da Lu “nunca se tinham sentado à mesa com o pai desde que nasceram.” (CHIZIANE, 2002, p. 174). Juntas, estas mulheres conseguem fazer com que, por exemplo, que Tony cumpra uma escala semanal onde permanece na casa de cada uma, à vez. É responsabilidade das mulheres tratar de toda a lida doméstica e cuidar do homem. Se estiverem cansadas, acordam que o melhor é realmente o ingresso de uma mulher mais nova na família. Foi o que fizeram, apesar de Tony ter recusado e disso significar “uma declaração de impotência sexual, e então vamos reunir o conselho de família, informar do que se passa e procurar assistentes conjugais. Este é um direito que a poligamia nos confere.” (CHIZIANE, 2002, p. 325). Assim deve ser, já que “Na poligamia verdadeira, não é o homem que impõe os seus desejos de ter mais uma, mas as próprias mulheres sugerem um novo casamento. As mulheres não são violentadas e vivem umas perto das outras. Os casamentos são programados, planeados” (CHIZIANE, 2002, p. 233). Estamos diante de personagens feministas, tendo em vista que: “Globalmente, todas as mulheres que sentem que precisam umas das outras são feministas, uma vez que se juntam num esforço comum de afirmação”. (BAMISILE, 2013, p. 263). Como a própria Rami sugere: “As mulheres deviam ser mais amigas, mais solidárias. Somos a maioria, a força está do nosso lado. Se juntarmos as mãos podemos transformar o mundo.” (CHIZIANE, 2002, p. 255). Esta afirmação de Rami, bem como as atitudes que toma em conjunto com as outras personagens mulheres, enfrentando Tony, mostram a importância da organização coletiva para a transformação individual de cada mulher e para a transformação do mundo que as rodeia. As personagens conseguiram melhores condições de vida, conquistando mais direitos juntas do que quando estavam separadas e a rivalizar. A representação literária da união entre mulheres africanas é bastante importante e demonstra perspectivas e soluções para a consolidação de movimentos sociais pelos direitos das mulheres em África, construídos pelas suas próprias mãos.

Paralelamente ao enredo principal da história, o conflito de Rami e as outras mulheres de Tony, Chiziane consegue introduzir e articular outras questões que afetaram de forma violenta as mulheres Moçambicanas. Apesar deste artigo não focar a sua análise nessas representações, não poderia deixar de notar a presença da violência colonial e da(s) guerra(s), nomeadamente através de duas reflexões da Rami. A primeira reflete como se sente relativamente às intervenções dos colonizadores:

Nunca ninguém me explicou por que é que um homem troca uma mulher por outra. Nunca ninguém me disse a origem da poligamia. Por que é que a igreja proibiu estas práticas tão vitais para a harmonia de um lar? Por que é que os políticos da geração da liberdade levantaram o punho e disseram abaixo os ritos de iniciação? É algum crime ter uma escola de amor? Diziam eles que essas escolas tinham hábitos retrógrados. E têm. Dizem que são conservadoras. E são. A igreja também é. Também o são as universidades e todas as escolas formais. Em lugar de destruir as escolas de amor, por que não reformá-las? O colonizado é cego. Destrói o seu, assimila o alheio, sem enxergar o próprio umbigo. (CHIZIANE, 2002, p. 45).

A segunda aparece já no final do livro e é relativa a mais uma das mulheres que conheceu durante a sua vida e é originária:

(...) do interior da Zambézia. Tem cinco filhos, já crescidos. O primeiro, um mulato esbelto, é dos portugueses que a violaram durante a guerra colonial. O segundo, um preto, elegante e forte como um guerreiro, é fruto de outra violação dos guerrilheiros de libertação da mesma guerra colonial. O terceiro, outro mulato, mimoso como um gato, é dos comandos rodesianos brancos, que arrasaram esta terra para aniquilar as bases dos guerrilheiros do Zimbabue. O quarto é dos rebeldes que fizeram a guerra civil no interior do país. A primeira e a segunda vez foi violada, mas à terceira e à quarta entregou-se de livre vontade, porque se sentia especializada em violação sexual. O quinto é de um homem com quem se deitou por amor pela primeira vez...Essa mulher carregou a história de todas as guerras do país num só ventre. (CHIZIANE, 2002, p. 270).

Na primeira, compreende-se a crítica às intervenções exteriores, nomeadamente dos colonizadores, que não tiveram em conta a realidade local ao mesmo tempo que não reconhecem os próprios erros. A opressão da mulher não se dá apenas nos países africanos, nem é solucionável através de intervenções paternalistas ou hipócritas (como será abordado a seguir). Na segunda, entende-se a questão da violência da guerra, além da colonial. É uma pista para entendermos as consequências das guerras na vida das mulheres, muitas das vezes esquecidas e apagadas pela história. A violência desta Zambézia é dupla: violência sexual e de guerra, ocupando o lugar de opressão comum para muitas mulheres africanas, devido a todas as guerras que assolam os territórios.

A literatura tem a capacidade de representar a realidade, no entanto, por sua vez, esta última ultrapassa sempre a ficção. *Niketche* é um livro que me deixa alerta e que devo relacionar com o seu contexto de produção para o entender totalmente. Em Moçambique, existe um confronto entre as

tradições enraizadas no tecido social e a lei. Durante a construção do estado-nação Moçambicano, no período pós-independência, os políticos tinham oportunidade de regulamentar as práticas da poligamia e salvaguardar os direitos das mulheres. Contudo, na prática, “Os estados africanos modernos foram construídos nas costas das feministas africanas que lutaram ao lado dos homens para a libertação do continente” (VÁRIOS, 2016, p. 5). Chiziane rompeu com o partido FRELIMO por causa das políticas que defendiam para as mulheres, uma delas, a proibição da poligamia. Isto porque, embora seja uma prática à qual a “maioria das mulheres é contrária” (CHIZIANE, 2012, p. 352), ela continua a predominar na sociedade Moçambicana. O partido FRELIMO é hipócrita, já que a maioria dos seus militantes homens defendiam a proibição da poligamia na vida pública, mas praticavam-na na sua vida privada. É também por isto que não se pode esquecer o lema de Carol Hanisch “O pessoal é político”. Regulamentar a prática da poligamia diminuí as possibilidades de homens como o Tony conseguirem viver uma vida de polígamos secreta, beneficiando desse mesmo secretismo por não lhes poder ser cobrado oficialmente algumas responsabilidades (como a da escala semanal). A diferença das consequências da poligamia está também presente em *Niketche*: “Perguntei às mulheres: o que acham da poligamia?...A poligamia é uma cruz.”, em oposição “Pergunto aos homens: o que acham da poligamia?... Poligamia é natureza, é destino, é nossa cultura, dizem.” (CHIZIANE, 2002, p. 102). Esta é só mais uma das situações que prova como os direitos das mulheres nunca estiveram salvaguardados, mesmo que se fale dos autoproclamados setores progressistas da esquerda, como os partidos marxistas-leninistas. Já no Partido Comunista português aconteciam coisas parecidas, como denunciava José Mário Branco na sua música “Aqui dentro de casa”, a propósito de ter “camaradas” que eram sindicalistas na rua mas fascistas em casa.

É-se subalternizado por se ser mulher e, se se for mulher, pobre e negra, é-se subalternizado a triplicar: “Não há valor nenhum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais.” (SPIVAK, 2010, p. 126) . Depois da rutura com a FRELIMO, Chiziane veio a escrever obras tão boas quanto *Niketche*, representando temas caros às mulheres africanas, demonstrando a sua condição social não homogênea através da construção de personagens complexas e específicas que enfrentam problemas nas histórias semelhantes aos da vida real.

Em suma, pode existir uma literatura comprometida socialmente que não deixa de ser um objeto artístico-estético de elevado mérito. Escrever esta obra é em si um ato de resistência. Contudo, construir personagens como Rami é ensinar a ser-se resistência. O processo de Rami é um combate constante ao seu sentimento de vergonha que advém da culpa, culpa que, por sua vez, é o sentimento mais antirrevolucionário que existe. Quando este sentimento é combatido e aniquilado, conseguem-se mover ações como as movidas por Rami, Luísa, Julieta, Saly e Lauá, conquistando direitos e lutando contra as manifestações violentas e patriarcais da sociedade. Isto é revolucionário. Espero que o objetivo de Chiziane seja cumprido e que a sua literatura encoraje o seu povo, as mulheres da sua terra, por muito difíceis que as condições sejam, a caminhar descalças e a vencer (CHIZIANE, 2014, publicamente).

**Referências:**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Companhia das letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Companhia das letras, 2012.

ARNALDO, Carlos. “Tendências e fatores associados à poligamia em Moçambique”. *In: Mosaico sociológico*. Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais da UEM, 1992.

BAMISILE, Sunday Adetunji. “A procura de uma ideologia afro-cêntrica: do feminismo ao afro-feminismo”. *In: Via Atlântica*, São Paulo, nº 24, Dez/2013, p. 257-279.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Editorial Caminho, 2002.

CHIZIANE, Paulina. Entrevistada por Maria Geralda de Miranda e Fátima Langa. MIRANDA, Maria Geralda e SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Editora Appris, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Ed. Elefante, 2004.

CONNELL, R.W. **Gender: In world perspective**. Polity Press, 2014.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GROSGOUEL, Ramón. **Racismo epistêmico, islamofobia epistêmica e ciências sociais coloniais**. Tabula Rasa. 2011, N. 14.

SOSA SANTOS, Boaventura. **Epistemologies of the south. Justice against epistemicide**. Boulder/Londres: Paradigm Publishers, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOSA SANTOS, Boaventura. **O fim do Império cognitivo**. Lisboa: Almedina, 2018.

VÁRIOS. **Carta de princípios feministas para as feministas africanas**. African Women’s development, 2007.